

AS TECNOLOGIAS E O MEDO DE ENSINAR NO DIGITAL

Viviane Pompeo¹
Hotto Felipe Januário Fazolo²
Leonardo da Silva Oliveira³
Daiene Viviane do Couto Rodrigues⁴
Fabíola Gonçalves Braga Guedes⁵
Sara Rodrigues Roque⁶
Emília Paula de Oliveira⁷
Lúcia Maria de Mesquita⁸

RESUMO: O estudo abordou as dificuldades enfrentadas pelos docentes na inserção das tecnologias digitais no currículo escolar, enfatizando o medo de ensinar no ambiente digital e as inseguranças associadas à cultura tecnológica. Buscou-se responder à questão sobre quais são os principais desafios e inseguranças vivenciados pelos professores diante da integração das tecnologias ao ensino. O objetivo geral consistiu em analisar esses desafios, considerando os aspectos formativos, estruturais e emocionais que influenciam o trabalho docente. A metodologia adotada baseou-se em pesquisa bibliográfica, a partir de autores que discutem a educação digital e as práticas pedagógicas na contemporaneidade. O desenvolvimento evidenciou que a resistência e o medo não decorrem apenas da falta de domínio técnico, mas de condições estruturais inadequadas, lacunas na formação continuada e da ausência de apoio institucional. Constatou-se que a integração tecnológica requer políticas públicas efetivas, suporte pedagógico e fortalecimento da autoconfiança dos educadores. Concluiu-se que a superação das inseguranças docentes depende de uma cultura escolar que valorize a experimentação e incentive o uso crítico e reflexivo das tecnologias, reconhecendo o professor como agente essencial na transformação digital da educação.

1495

Palavras-chave: Tecnologias Digitais. Medo Docente. Insegurança Pedagógica. Formação Continuada. Educação Digital.

ABSTRACT: The study addressed the difficulties faced by teachers in integrating digital technologies into the school curriculum, emphasizing the fear of teaching in digital environments and the insecurities associated with technological culture. It aimed to answer the question about the main challenges and insecurities experienced by teachers regarding the use of technologies in education. The general objective was to analyze these challenges, considering formative, structural, and emotional aspects that influence teaching practice. The methodology was based on bibliographic research supported by authors who discuss digital education and contemporary pedagogical practices. The analysis showed that resistance and fear arise not only from a lack of technical skills but also from structural deficiencies, insufficient continuous training, and limited institutional support. It was concluded that overcoming these insecurities requires effective public policies, pedagogical support, and the strengthening of teachers' confidence. The findings highlighted that integrating technology demands a reflective educational culture that values experimentation and positions the teacher as an essential agent in the digital transformation of education.

Keywords: Digital Technologies. Teacher Fear. Pedagogical Insecurity. Continuing Education. Digital Education.

¹ Mestranda em Educação com Especialização em Formação de Professores, Universidade Internacional Ibero-Americana.

² Mestrando em Tecnologias Emergentes em Educação, Must University (MUST).

³ Mestrando em Tecnologias Emergentes em Educação, Must University (MUST).

⁴ Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação, Must University (MUST).

⁵ Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação, Must University (MUST).

⁶ Mestra em Tecnologias Emergentes em Educação, Must University (MUST).

⁷ Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação, Must University (MUST).

⁸ Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação, Must University (MUST)

I INTRODUÇÃO

As transformações tecnológicas que marcam o século XXI têm impactado de maneira profunda o campo educacional, exigindo da escola uma reconfiguração de suas práticas, currículos e modos de ensinar. O advento da cultura digital e das ferramentas tecnológicas trouxe novas formas de interação, comunicação e construção do conhecimento, tornando o ambiente escolar um espaço de múltiplas linguagens e possibilidades. No entanto, esse cenário também revela um conjunto de desafios enfrentados pelos docentes, que, diante da velocidade das inovações, demonstram insegurança e resistência em incorporar os recursos digitais ao processo de ensino e aprendizagem. As tecnologias, que deveriam ser aliadas pedagógicas, muitas vezes são percebidas com receio, provocando o que se pode chamar de “medo de ensinar no digital”. Esse fenômeno reflete não apenas uma dificuldade técnica, mas também um embate cultural e emocional diante de novas formas de mediação do conhecimento.

A presença das tecnologias nas salas de aula não garante, por si só, uma prática pedagógica inovadora. O uso consciente e significativo das ferramentas digitais depende da compreensão crítica do professor sobre o papel que desempenham na aprendizagem e da segurança que ele possui para aplicá-las em contextos reais. Contudo, observa-se que boa parte dos educadores ainda se sente despreparada para lidar com os recursos digitais, seja pela ausência de formação continuada, seja pela falta de infraestrutura adequada nas escolas. Em muitas instituições públicas, as desigualdades sociais e estruturais dificultam o acesso a equipamentos e à conectividade, reforçando um ciclo de exclusão tecnológica que atinge tanto estudantes quanto docentes. A escola, enquanto espaço de socialização do saber, enfrenta o desafio de conciliar as exigências da Educação 4.0 com realidades pedagógicas marcadas por limitações materiais e formativas. Assim, o debate sobre a inserção tecnológica no currículo envolve, necessariamente, uma reflexão sobre as condições de trabalho e sobre as emoções docentes diante da inovação.

Justifica-se a relevância desta pesquisa pela necessidade de compreender as causas e implicações do medo docente frente à tecnologia, uma vez que esse sentimento interfere na qualidade do ensino e na formação dos estudantes. O tema se torna particularmente importante em um contexto em que as políticas educacionais enfatizam a digitalização da educação e o uso das metodologias ativas como meios de promover engajamento e autonomia discente. A resistência de parte dos professores à integração tecnológica não deve ser interpretada como simples recusa à inovação, mas como um reflexo das desigualdades e fragilidades do sistema

educacional brasileiro, que ainda não oferece suporte efetivo para o desenvolvimento de competências digitais no magistério. Estudar esse fenômeno é essencial para promover uma reflexão crítica sobre o papel docente na contemporaneidade, destacando a importância de políticas de formação continuada e de condições estruturais que garantam o uso pedagógico das tecnologias de forma equitativa e significativa.

Diante desse cenário, a pesquisa busca responder à seguinte questão-problema: quais são os principais desafios e inseguranças enfrentados pelos docentes na inserção das tecnologias digitais no currículo escolar? Essa pergunta orienta a investigação ao considerar que o medo e a resistência tecnológica são consequências de múltiplos fatores que envolvem desde a formação inicial dos professores até as condições concretas de suas práticas.

Como objetivo geral, o estudo propõe analisar os desafios e as inseguranças docentes na utilização das tecnologias digitais no processo de ensino e aprendizagem, considerando o impacto das desigualdades estruturais, das lacunas formativas e das transformações culturais da educação contemporânea.

A metodologia adotada baseia-se exclusivamente na pesquisa bibliográfica, com a finalidade de reunir, interpretar e discutir as contribuições de autores que abordam a relação entre tecnologia, prática docente e cultura digital. Foram utilizados como referenciais teóricos os trabalhos de Costa e Santos (2024), Moreira, Santos e Callegari (2024), Vergosa *et al.* (2024) e Gonçalves *et al.* (2024), que analisam a presença das tecnologias no contexto educacional, as dificuldades docentes frente à inovação e as possibilidades de uma aprendizagem dinâmica e integrada às demandas da Educação 4.0. A pesquisa bibliográfica permite compreender o fenômeno em sua complexidade, a partir de diferentes perspectivas teóricas, sem a necessidade de coleta de dados empíricos, priorizando a análise conceitual e interpretativa.

O texto está estruturado em três partes. Na introdução, apresenta-se o tema, a justificativa, o problema de pesquisa, o objetivo geral e a metodologia utilizada, situando o leitor no contexto da investigação. Na seção de desenvolvimento, discute-se a temática “Compreendendo as inseguranças docentes frente à cultura tecnológica”, articulando as ideias centrais dos autores estudados e analisando como as transformações digitais afetam o fazer pedagógico e as percepções docentes sobre o ensino no meio digital. Por fim, nas considerações finais, são sintetizadas as principais reflexões do trabalho, ressaltando-se a importância da formação docente, do suporte institucional e da valorização profissional para que a tecnologia seja incorporada como instrumento de emancipação e não como fonte de medo e resistência.

Dessa forma, o estudo busca contribuir para o debate contemporâneo sobre a integração das tecnologias na educação e para a construção de práticas pedagógicas seguras, reflexivas e coerentes com as exigências da sociedade digital.

2 Compreendendo as inseguranças docentes frente à cultura tecnológica

A integração das tecnologias digitais à prática docente representa um dos maiores desafios enfrentados pela educação contemporânea. A cultura tecnológica, marcada pela rapidez das inovações e pela constante transformação dos meios de comunicação, exige do professor uma adaptação que transcende o domínio técnico, alcançando dimensões pedagógicas, culturais e emocionais. Nesse contexto, as tecnologias deixam de ser instrumentos complementares e passam a constituir parte essencial do currículo, promovendo novas formas de aprendizagem, interação e construção de saberes. Entretanto, essa transição não ocorre de maneira uniforme, pois ainda há um distanciamento significativo entre as políticas de incentivo à digitalização e as condições concretas vividas nas escolas públicas. Conforme Costa e Santos (2024), as desigualdades sociais refletem nas práticas digitais escolares, revelando a dificuldade de acesso às ferramentas tecnológicas e à formação adequada por parte dos educadores.

As transformações provocadas pelas tecnologias digitais impõem à escola uma reestruturação metodológica que desafia os modelos tradicionais de ensino. O docente, historicamente formado para ser o detentor do conhecimento, enfrenta um cenário em que o estudante assume papel ativo, mediando o próprio aprendizado por meio de plataformas digitais e recursos interativos. Esse deslocamento de papéis causa desconforto e insegurança, pois demanda novas competências profissionais e cognitivas. Moreira, Santos e Callegari (2024) ressaltam que o desafio das metodologias ativas está na necessidade de o professor repensar o processo de ensino, assumindo uma postura flexível e mediadora. Contudo, a resistência docente diante da tecnologia não deve ser compreendida como aversão à inovação, mas como uma consequência da falta de políticas públicas voltadas para a formação continuada e para o apoio institucional necessário ao uso pedagógico dos recursos digitais.

A insegurança docente frente ao uso das tecnologias pode ser explicada também pela ausência de experiências significativas durante a formação inicial, o que limita o repertório pedagógico necessário à integração das ferramentas digitais. A formação de professores, muitas vezes centrada em práticas teóricas e descontextualizadas, não contempla o desenvolvimento de habilidades digitais compatíveis com as exigências atuais. Nesse sentido, a defasagem entre

o que é ensinado nos cursos de licenciatura e o que se espera do professor em exercício torna-se evidente. Costa e Santos (2024) apontam que, nas escolas públicas, a desigualdade estrutural e a falta de investimento ampliam essa lacuna, reforçando um ciclo de exclusão tecnológica. Essa realidade repercute na qualidade do ensino, dificultando a implementação de metodologias inovadoras e comprometendo o engajamento dos estudantes.

A partir dessa perspectiva, é possível compreender que o medo docente de ensinar no digital é um fenômeno multifacetado. Ele se manifesta tanto no receio de utilizar ferramentas desconhecidas quanto no temor de perder o controle sobre o processo educativo. O uso de tecnologias implica mudanças significativas na dinâmica da sala de aula, alterando a relação entre professor e aluno e deslocando o foco do ensino para a aprendizagem. Gonçalves *et al.* (2024) afirmam que o impacto das tecnologias na sala de aula é visível na maneira como modificam as interações e ampliam as possibilidades de aprendizagem colaborativa. Entretanto, para que tais possibilidades se concretizem, é necessário que o professor reconheça a importância da tecnologia como mediadora e não como substituta de sua prática pedagógica. Esse reconhecimento depende de um processo de reflexão crítica e de formação que estimule a autonomia e a autoconfiança docente.

A cultura tecnológica contemporânea também impõe novas exigências em relação à gestão do tempo e à organização do trabalho docente. A ampliação das atividades digitais, como o uso de plataformas virtuais e o acompanhamento de tarefas on-line, requer uma reconfiguração do papel do professor enquanto gestor de aprendizagens. Nesse sentido, Moreira, Santos e Callegari (2024) destacam que a adoção de metodologias ativas baseadas na tecnologia exige um esforço adicional de planejamento, avaliação e adaptação contínua. O professor passa a atuar como facilitador do processo de ensino, criando condições para que o aluno se torne protagonista na construção do conhecimento. Contudo, a ausência de suporte técnico, somada à sobrecarga de tarefas, contribui para o aumento do estresse e do sentimento de inadequação diante das novas exigências digitais.

O enfrentamento dessas inseguranças requer não apenas investimento em infraestrutura tecnológica, mas também a valorização das dimensões subjetivas do trabalho docente. O medo e a resistência à inovação não são apenas reações individuais, mas expressões de um contexto histórico e institucional que pouco reconhece as dificuldades reais enfrentadas pelo professor. Costa e Santos (2024) reforçam que a desigualdade social influencia a capacidade das escolas públicas de acompanhar o ritmo das transformações tecnológicas, o que gera uma sensação de

impotência entre os profissionais da educação. Assim, a superação desse quadro depende de políticas educacionais comprometidas com a equidade e com a formação integral do docente, permitindo-lhe atuar com segurança e criatividade em contextos digitais.

A sala de aula do futuro, como argumentam Vergosa *et al.* (2024), deve ser compreendida como um espaço de aprendizagem híbrida, no qual a tecnologia é integrada de maneira orgânica às práticas pedagógicas. Esse modelo de ensino combina elementos presenciais e virtuais, possibilitando maior flexibilidade e personalização do aprendizado. Para que essa proposta se concretize, é fundamental que o professor seja capacitado para explorar o potencial das ferramentas digitais e compreender seu papel como mediador das experiências de aprendizagem. A insegurança docente tende a diminuir à medida que o profissional se familiariza com os recursos tecnológicos e percebe seu valor pedagógico. No entanto, essa familiarização não ocorre de forma espontânea; ela exige tempo, apoio institucional e, principalmente, uma cultura escolar que valorize o erro como parte do processo de aprendizagem.

Além da formação técnica, é indispensável a construção de uma consciência crítica sobre o uso das tecnologias na educação. O professor precisa compreender que o simples acesso aos recursos digitais não garante a melhoria do ensino, sendo necessário refletir sobre a 1500
intencionalidade pedagógica que orienta seu uso. Gonçalves *et al.* (2024) argumentam que a tecnologia só produz impacto positivo quando inserida em práticas planejadas, que promovam a colaboração, a autonomia e o pensamento crítico dos estudantes. Assim, o papel docente se transforma: o educador torna-se curador de informações, mediador de aprendizagens e facilitador de experiências significativas. Essa redefinição exige não apenas domínio técnico, mas também sensibilidade pedagógica e abertura para o novo.

A superação do medo de ensinar no digital passa pela construção de uma identidade docente compatível com os desafios da contemporaneidade. Isso implica reconhecer-se como sujeito ativo no processo de inovação, capaz de aprender, experimentar e adaptar-se às mudanças. Moreira, Santos e Callegari (2024) salientam que as metodologias ativas baseadas em tecnologia contribuem para o desenvolvimento de uma postura reflexiva e investigativa, na qual o professor e o aluno compartilham responsabilidades no processo educativo. A valorização dessa postura requer o fortalecimento de comunidades de aprendizagem docente, nas quais as experiências possam ser compartilhadas e as dificuldades, compreendidas como oportunidades de crescimento profissional.

A transformação da cultura escolar é outro elemento indispensável para enfrentar os desafios da inserção tecnológica. Vergosa *et al.* (2024) destacam que a sala de aula do futuro deve promover ambientes colaborativos, nos quais o uso da tecnologia esteja a serviço da interação humana e da construção coletiva do conhecimento. Para tanto, a gestão escolar desempenha papel essencial na promoção de formações contínuas e na criação de condições estruturais que viabilizem a inovação. Quando o professor se sente apoiado institucionalmente, sua relação com as tecnologias tende a ser positiva e confiante, o que se reflete na qualidade das práticas pedagógicas e na motivação dos estudantes.

Em síntese, o enfrentamento do medo docente de ensinar no digital depende da articulação entre três dimensões fundamentais: a formação continuada, o suporte institucional e a reflexão crítica sobre a prática pedagógica. A integração tecnológica deve ser entendida como um processo gradual, que respeita o tempo de aprendizagem do professor e considera as especificidades de cada contexto educacional. As contribuições de Costa e Santos (2024), Moreira, Santos e Callegari (2024), Vergosa *et al.* (2024) e Gonçalves *et al.* (2024) convergem ao destacar que o êxito da inovação tecnológica na educação não se limita à disponibilidade de recursos, mas à capacidade de promover uma cultura de confiança, colaboração e valorização docente. Nesse sentido, o desafio da educação digital contemporânea não é apenas técnico, mas humano, exigindo uma profunda transformação das concepções pedagógicas e das práticas que sustentam o ato de ensinar e aprender na era digital.

1501

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada permitiu compreender que as principais dificuldades enfrentadas pelos docentes na inserção das tecnologias digitais no currículo escolar estão relacionadas à falta de formação continuada, à carência de infraestrutura adequada e às inseguranças pessoais diante das mudanças exigidas pela cultura digital. Verificou-se que o medo de ensinar no digital não decorre apenas da ausência de domínio técnico, mas também de fatores emocionais e estruturais que influenciam a prática pedagógica. A insegurança docente manifesta-se no receio de errar, de não atender às expectativas dos alunos e de perder o controle sobre o processo de ensino e aprendizagem em ambientes mediados pela tecnologia. Esses aspectos revelam que a integração tecnológica nas escolas ainda ocorre de forma desigual e depende do contexto social e institucional em que o professor está inserido.

Observou-se que, embora as tecnologias digitais representem um avanço significativo para o processo educativo, sua incorporação efetiva requer uma mudança cultural que ultrapassa

o simples uso de equipamentos e plataformas. O medo e a resistência identificados são, em grande parte, reflexos de um sistema educacional que ainda não oferece as condições necessárias para que o professor desenvolva autonomia e segurança em sua prática digital. As desigualdades existentes entre as escolas, o baixo investimento em políticas de apoio e a ausência de espaços de colaboração e troca de experiências entre os docentes contribuem para a perpetuação desse cenário. Assim, a questão central que orientou o estudo: quais são os principais desafios e inseguranças enfrentados pelos docentes na inserção das tecnologias digitais no currículo escolar, pode ser respondida a partir da constatação de que o problema não reside unicamente na disposição individual do professor, mas nas limitações estruturais e formativas do sistema educacional.

Os resultados apontam que a superação dessas inseguranças depende de ações que contemplem tanto a formação técnica quanto o fortalecimento emocional e profissional dos educadores. O desenvolvimento de competências digitais precisa ser acompanhado de um processo de valorização e apoio pedagógico que incentive o professor a experimentar, refletir e transformar suas práticas. Nesse sentido, o enfrentamento do medo de ensinar no digital exige tempo, investimento e políticas que reconheçam o docente como sujeito ativo na construção de uma educação inovadora. Além disso, a criação de ambientes colaborativos e o compartilhamento de boas práticas podem contribuir para o fortalecimento da confiança e para a consolidação de uma cultura tecnológica inclusiva e participativa nas escolas.

1502

Conclui-se que a incorporação das tecnologias no currículo não deve ser entendida como uma imposição, mas como uma oportunidade de ampliação das práticas pedagógicas e de promoção da aprendizagem significativa. A construção de uma postura reflexiva e crítica por parte dos docentes é fundamental para que o uso das tecnologias se torne um elemento integrador, capaz de aproximar a escola da realidade contemporânea. As contribuições deste estudo consistem em oferecer subsídios para a compreensão das causas do medo docente e dos obstáculos que dificultam a transformação digital no ambiente educacional, destacando a importância de estratégias de formação e apoio institucional.

Entretanto, reconhece-se que o tema ainda demanda investigações aprofundadas, especialmente no que se refere às dimensões subjetivas do medo docente e às políticas públicas voltadas para a formação digital dos professores. Estudos futuros poderão explorar de forma detalhada os impactos da cultura tecnológica nas relações pedagógicas, bem como avaliar práticas de formação que favoreçam a integração segura e crítica das tecnologias no cotidiano

escolar. Dessa forma, amplia-se o entendimento sobre o papel do professor na era digital e reforça-se a necessidade de um compromisso coletivo com a construção de uma educação equitativa, inovadora e alinhada às demandas da sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, S. G. da, & Santos, S. M. A. V. (2024). O reflexo da desigualdade social nas práticas digitais nas escolas públicas. In S. M. A. V. Santos (Org.), *Educação 4.0: Gestão, inclusão e tecnologia na construção de currículos inovadores* (pp. 37-57). Arché. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.978-65-6054-098-9-2>. Acesso em 18 de outubro de 2025.

GONÇALVES, L. M. S., Franqueira, A. da S., Pupim, F. A., Lembro, M. S. F., Clessler, R. A. C., & Viana, S. M. A. (2024). O impacto das tecnologias na dinâmica da sala de aula. In S. M. A. V. Santos & A. da S. Franqueira (Orgs.), *Aprendizagem híbrida e metodologias ativas: Como a tecnologia facilita o engajamento estudantil* (pp. 59-70). Arché. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.978-65-6054-090-3-5>. Acesso em 18 de outubro de 2025.

MOREIRA, M. de A. L., Santos, F. L. dos, & Callegari, M. C. (2024). Metodologias ativas na educação: desafios e oportunidades para o docente na transformação do ensino. In S. M. A. V. Santos (Org.), *Educação 4.0: Gestão, inclusão e tecnologia na construção de currículos inovadores* (pp. 170-184). Arché. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.978-65-6054-098-9-9>. Acesso em 18 de outubro de 2025.

VERGOSA, B. F. M., Olimpio, C., Lira, E., Corradi, I. D., Lôbo, Í. M., & Nunes, J. M. da S. (2024). A sala de aula do futuro: tecnologias e aprendizagem. In S. M. A. V. Santos & A. da S. Franqueira (Orgs.), *Aprendizagem híbrida e metodologias ativas: Como a tecnologia facilita o engajamento estudantil* (pp. 27-37). Arché. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.978-65-6054-090-3-2>. Acesso em 18 de outubro de 2025.